



**UFSM**

**Dissertação de Mestrado**

**DIÁRIO ÍNTIMO E/OU BLOG:**

**O MESMO E O DIFERENTE NA CULTURA DO CIBERESPAÇO**

**Simone de Mello de Oliveira**

**PPGL**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2005**

**DIÁRIO ÍNTIMO E/OU BLOG:  
O MESMO E O DIFERENTE NA CULTURA DO CIBERESPAÇO**

---

por

**Simone de Mello de Oliveira**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras do  
Programa de Pós-Graduação em Letras,  
Área de Concentração em Estudos Lingüísticos, da  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS),  
como requisito parcial para obtenção do grau de  
**MESTRE EM LETRAS.**

**PPGL**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2005**

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Artes e Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

**DIÁRIO ÍNTIMO E/OU BLOG:  
O MESMO E O DIFERENTE NA CULTURA DO CIBERESPAÇO**

Elaborada por  
**Simone de Mello de Oliveira**

como requisito parcial para a obtenção do grau de  
**Mestre em Letras**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

Amanda Eloina Scherer (Presidente/Orientadora) - UFSM

---

Eduardo Roberto Junqueira Guimarães - UNICAMP

---

Nara Cristina Santos - UFSM

---

Tania Regina Taschetto - UFSM

Santa Maria, maio de 2005.

---

© 2005

Todos os direitos autorais reservados a Simone de Mello de Oliveira. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita com autorização por escrito do autor.

Endereço. Rua Rodolfo Beher, 22. Camobi. CEP 97610.000 Santa Maria - RS

Fone/fax: 55 3226 1963; E-mail: smo\_sma@hotmail.com

---

## **AGRADECIMENTOS**

À minha orientadora, prof<sup>a</sup>. Amanda Eloina Scherer, por acreditar em mim (ainda em minha iniciação científica), pelas aulas, pelas orientações, pela incondicionalidade, pela competência, pelo exemplo de trabalho, pelo aprendizado de vida, pela amizade, pelo carinho e pela diferença.

Ao prof. Eduardo Guimarães, pelas aulas, pela experiência de poder participar da sua equipe de trabalho, pela confiança ao me chamar para trabalhar na ELB, pelo carinho da acolhida durante o meu estágio na Unicamp e pela possibilidade de ter estado lá.

Ao Laboratório Corpus, na pessoa da prof<sup>a</sup>. Amanda Eloina Scherer, por ter me proporcionado a vivência de uma verdadeira experiência acadêmica, pelo aprendizado do trabalho em equipe e por ter possibilitado, via projeto PROCAD/CAPES, o mestrado sanduíche na Unicamp.

Ao PROCAD/ CAPES, pela bolsa, pela oportunidade de cursar o mestrado sanduíche na Unicamp, pelo intercâmbio de experiências.

À minha mãe, Osmarina T. de Mello de Oliveira, por acreditar em mim.

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE FIGURAS</b>	vii
<b>LISTA DE ANEXOS</b>	viii
<b>RESUMO</b>	ix
<b>ABSTRACT</b>	xi
<b>INTRODUÇÃO</b>	01
<b>Capítulo I</b>	04
<b>VIRTUALIDADES</b>	04
Revolução tecnológica: discurso e sociedade	04
Do espaço da cidade ao ciberespaço	07
Rumo a uma inteligência coletiva	09
Do virtual e do atual	12
Do diário íntimo ao blog	19
Pontos de devira em potencial	34
<b>Capítulo II</b>	46
<b>ATUALIZAÇÕES POSSÍVEIS</b>	46
Repetindo, deslocando e reformulando	50
Constituindo um blog	58
Afunilando o olhar	67
Definindo categorias	69
Redes de sentidos	74
<b>CONCLUSÃO</b>	82
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	88
<b>ANEXOS</b>	101

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Pintura Alemã – Albrecht Dürer (1471-1528). *Autoportrait*, 1493.

FIGURA 02: Pintura francesa – FranJean-Antoine Watteau (1684-1721). *Pierrot*, 1718.

FIGURA 03: Página de pesquisa com o resultado da busca pela palavra-chave *blogs* no diretório Google.

FIGURA 04: Os dez blogs finalistas do Prêmio ibest

FIGURA 05: Amarar em New York

FIGURA 06: Amarar de Volta à Capitar

FIGURA 07: Homem é Tudo Palhaço

FIGURA 08: interETC.

FIGURA 09: INTEney®

FIGURA 10: Pensar Enlouquece

FIGURA 11: Querido Leitor

FIGURA 12: Estrutura dos blogs em três colunas

FIGURA 13: Estrutura do blog em duas colunas

FIGURA 14: Registro do post

FIGURA 15: Registro da passagem do tempo

FIGURA 16: Audblog

FIGURA 17: Lista de blogs

FIGURA 18: Arquivo

FIGURA 19: Link para os comentários

FIGURA 20: Um novo espaço:os comentários

FIGURA 21: Comentários e lista de links

## LISTA DE ANEXOS

- ANEXO I O MST e a Semente da Ignorância
- ANEXO II Tudo em Consoante
- ANEXO III Saramago e a Imortalidade



## **RESUMO**

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Letras  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

### **DIÁRIO ÍNTIMO E/OU BLOG: O MESMO E O DIFERENTE NA CULTURA DO CIBERESPAÇO**

Autora: Simone de Mello de Oliveira  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr. Amanda Eloina Scherer  
Santa Maria, maio de 2005

Este trabalho aborda as mudanças que as novas tecnologias estão proporcionando à sociedade; neste caso, especificamente, as tecnologias da linguagem em sua relação com a escrita. Nesse sentido, problematizamos a relação discurso e sociedade sob o ponto de vista das práticas discursivas, sendo estas analisadas em um novo espaço social e urbano, o ciberespaço, no qual se alojam os blogs. Procuramos compreender como tais blogs funcionam em sua discursividade e como produzem sentido lingüística, histórica e ideologicamente. Para tanto, analisamos, em uma perspectiva discursiva, os blogs como uma nova ferramenta que resignifica os escritos pessoais, renovando-os em sua utilização e em sua constituição, possibilitando a sua publicização e, principalmente, sua leitura. Defendemos a hipótese de que o grande diferencial do blog em relação ao diário íntimo é o acontecimento discursivo do comentário, que se mostra como uma regularidade do blog; e a diferença entre o diário íntimo e o blog é a existência de um espaço

instituído para os comentários e que permite que os mesmos fiquem registrados, assim, apontando para o fato de que o que é escrito é lido e comentado. Estruturalmente, o trabalho está dividido em dois capítulos: o primeiro deles, intitulado “virtualidades”, encontra-se subdividido em outras cinco partes que são denominadas: “do espaço da cidade ao ciberespaço”; “rumo a uma inteligência coletiva”; “do virtual e do atual”; “do diário íntimo ao blog” e “pontos de deriva em potencial”. O segundo capítulo intitula-se “atualizações possíveis” e aparece subdividido também em cinco partes que são denominadas: “repetindo, deslocando e formulando”; “constituindo um blog”; “afunilando o olhar”; definindo categorias” e “redes de sentidos”.

## **ABSTRACT**

*Master's Degree Dissertation  
Postgraduate Program in Language Studies  
Universidade Federal de Santa Maria*

### **PERSONAL DIARY AND /OR BLOG:**

#### **THE SAME AND THE DIFFERENT IN THE CYBERSPACE CULTURE**

*Authoress: Simone de Mello de Oliveira*

*Professor: Dr. Amanda Eloina Scherer*

*Santa Maria, May 2005*

*This work is about the changes that the new technologies are providing for society, in this case, specifically, the technologies of language in relation to writing. By so doing, we problematize the relation between discourse and society in the light of discursive practices. The blogs were analyzed in a new social and urban space, the Cyberspace, in which they are lodged. We try to understand how such blogs work in their discursivity and how they produce linguistic, historical and ideological meaning. So, we investigated the blogs in a discursive perspective as a new tool that confers new meaning to personal writings, renewing them in their utilization and constitution by making them publicly known, and, mainly, by making their reading possible. We defend the hypothesis that the major differing trait of a blog with regard to a personal diary, is the discursive event of the commentary that presents itself as a regular feature of the blog. We also highlight that the difference between a personal diary and a blog is the existence of an instituted space to commentaries which enable them to be recorded. That points to the fact that what is written is read and*

*commented. Structurally, the present work consists of two chapters: the first one is entitled "virtualities" and is subdivided in the following five parts: "from the city space to the cyberspace"; "toward a collective intelligence"; "the virtual and the current"; "from personal diary to blog", and "potential drifting points". The second chapter is entitled "possibilities of updating" and it is also subdivided into five parts: "repeating, dislocating and formulating"; "constituting a blog"; "specializing the view"; "defining categories" and "net of meanings".*

## INTRODUÇÃO

*Quando o sujeito fala, ele está em plena atividade de interpretação, ele está atribuindo sentido às suas próprias palavras em condições específicas. Mas ele o faz como se os sentidos estivessem nas palavras: apagando-se suas condições de produção, desaparece o modo pelo qual a exterioridade o constitui. Em suma, a interpretação aparece para o sujeito como transparência, como o sentido lá. (Orlandi, 2001)*

Nosso trabalho<sup>1</sup> realiza uma leitura do fenômeno que tomou conta da “sociedade conectada” – o blog. Não importando idade, nem profissão, é cada vez maior o número de pessoas que mantém uma relação muito próxima com as novas tecnologias e em especial com as tecnologias que proporcionam os escritos pessoais.

---

<sup>1</sup> Este trabalho teve origem no projeto de pesquisa “Identidade, discurso e sociedade: a invenção de si e do outro na cultura do ciberespaço”, desenvolvido pela professora Amanda Eloina Scherer desde 2000. Nele, participamos como bolsista de iniciação científica<sup>1</sup>, no ano de 2001. Este projeto possuiu outros trabalhos vinculados. São eles: a dissertação de mestrado defendida pela acadêmica Adriana Villella no ano de 2000, intitulada “O mesmo e o diferente na constituição do discurso das novas tecnologias: cliquez ici”. Como também, os trabalhos empreendidos pelos acadêmicos Marcelo da Silva e Michele Schmitt, quando bolsistas de iniciação científica, respectivamente, do CNPq e da FAPERGS. Assim como o projeto de dissertação da acadêmica Vanessa Pagnussat ainda em desenvolvimento.

De uma perspectiva lingüístico-discursiva, traçamos um caminho possível para essa leitura, composto de dois capítulos. O primeiro capítulo, intitulado “virtualidades”, apresenta o contexto atual das novas tecnologias em sua relação com a sociedade, pensando o discurso aí produzido e considerando o ciberespaço como um novo espaço social de significação. Esse capítulo aparece ainda dividido em cinco partes.

A primeira, intitulada “do espaço da cidade ao ciberespaço”, trata da mudança do espaço da cidade para o ciberespaço e introduz o conceito de inteligência coletiva; a segunda, “rumo a uma inteligência coletiva”, entende o ciberespaço como um lugar privilegiado, para resignificar as relações de sujeitos com os saberes (da técnica, de si, do outro, do conhecimento e das competências); a terceira parte, “do virtual e do atual”, desenvolve os conceitos que sustentam a leitura das relações entre o tema de nosso trabalho, o referencial teórico e o dispositivo analítico escolhido; a quarta parte, “do diário íntimo ao blog”, apresenta a história do diarismo desde sua origem e estabelece um paralelo dele com o blog, definindo suas diferenças. Nesta parte, também trabalhamos com as definições dos dicionários, e com a rede de palavras da qual tiram seus sentidos. A quinta e última parte do primeiro capítulo: “pontos de deriva em potencial” destaca o referencial teórico, utilizado na leitura de nosso objeto. Terminamos esse primeiro capítulo de nosso trabalho com alguns pontos de deriva que ficaram em potência, para serem trabalhados no futuro.

O segundo capítulo, intitulado “atualizações possíveis”, revela o nosso gesto de leitura e traz a descrição dos blogs e a análise dos enunciados recortados dos comentários. Esse capítulo aparece ainda dividido em cinco partes.

A primeira parte, intitulada “repetindo, deslocando e formulando”, busca, no “ler, descrever e interpretar” de Pêcheux, o caminho para chegar em uma rede de sentidos e construir o nosso gesto de análise através de uma descrição dos blogs que compunham o corpus inicial; a segunda parte, “constituindo um blog”, continua a descrição explicitando em detalhes a estrutura constituinte do blog; a terceira parte, “afunilando o olhar”, traz novos recortes ao corpus inicial da pesquisa e retoma a hipótese inicial, na qual discutimos a inevitável relação entre diário íntimo e blog e defendemos a tese de que o grande diferencial do blog em relação ao diário íntimo seja o acontecimento discursivo do comentário, uma vez que ele é a regularidade do blog, e ao mesmo tempo é o que o diferencia do diário íntimo. Nessa parte ainda demarcamos caminhos e algumas escolhas teóricas e de análise. A quarta parte, “definindo categorias”, trata da questão do leitor e define categorias a partir da participação do leitor no blog; e a quinta e última parte, “redes de sentidos”, traz um gesto analítico para ilustrar nosso olhar sobre o objeto analisado.

Entendemos que empreendemos sobre o nosso objeto uma leitura interpretativa que, no dizer de Pêcheux (1994, p.57), já é uma escritura. Resta desejar ao nosso leitor uma boa navegação.

## Capítulo I

### VIRTUALIDADES

*L'art de construire un problème, c'est très important : on invente un problème, une position de problème, avant de trouver une solution. (Deleuze, 1996<sup>2</sup>).*

#### Revolução tecnológica: discurso e sociedade

A revolução tecnológica, que vem acontecendo nos últimos trinta anos, tem proporcionado modificações nas configurações sociais e nas maneiras de o sujeito ver e pensar o mundo contemporâneo. As tecnologias produzidas por esse movimento fazem parte, cada vez mais, da realidade de uma parcela considerável da população. A Internet, por exemplo, é o acontecimento de ordem mundial que ressignifica as relações pela comunicação.

---

<sup>2</sup> Deleuze, Gilles; Parinet, Claire. **Dialogues**. Flamarion : Paris, 1996. p. 7. Tradução nossa: A arte de construir um problema é muito importante: inventa-se um problema, uma posição de problema, antes de encontrar uma solução.



A Internet rompeu e está rompendo paradigmas, estabelecendo novas formas de o sujeito pensar as relações humanas e sociais. Para Lejeune (2000, p. 193),

*On est avec Internet devant le paradoxe d'une écriture sans 'différence', qui rejoint presque l'instantané de la parole, et d'une intimité sans dedans, puisque apparemment tout est immédiatement dehors. Le moi individuel qui s'est créé par intériorisation des structures sociales (le 'for intérieur'), semble faire ici le trajet inverse.<sup>3</sup>*

A partir desse acontecimento, entendemos a necessidade de estudar e analisar a constituição dos discursos produzidos e veiculados no ciberespaço, pois também, nessa materialidade, os sentidos, mesmo os já dados, já postos, estão sempre em movimento; nesse movimento, entendemos a constituição do discurso. Nesse movimento, também entendemos o estudo dos processos de significação e os efeitos de sentido produzidos neste e por este novo espaço.

Ao pensar a constituição do discurso aí produzido, procuramos compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história (Orlandi, 2001, p. 15). Entendemos esse novo espaço, como social e urbano, um espaço no qual as pessoas visitam museus, fazem compras (cds, passagens aéreas, eletroeletrônicos, etc.), conhecem outras pessoas,

---

<sup>3</sup> Tradução nossa: Com a Internet, se está diante do paradoxo de uma escritura sem "diferença", que une quase o instantâneo da fala, e de uma intimidade sem interior, porque aparentemente tudo está imediatamente fora. O eu individual que é criado por interiorização das estruturas sociais (o "foro íntimo"), parece fazer aqui o trajeto inverso.

namoram, trabalham, um espaço constitutivo do sujeito, no qual novos enunciados fazem sentido, significam.

Esse novo lugar praticado (De Certeau, 1994), o espaço cibernético, ou o ciberespaço, privilegiado para renovadas formulações, constitui o lugar onde desenvolvemos nossa análise.

Tomamos, aqui, para tratar do conceito de lugar, o autor Marc Augé (2001) que redefine esse mesmo conceito, a partir de De Certeau, conferindo-lhe nova significação, qual seja, a de lugar antropológico:

O lugar, como o definimos aqui (...) é o lugar do sentido inscrito e simbolizado, o lugar antropológico. Naturalmente, é preciso que esse sentido seja posto em ação, que o lugar se anime e que os percursos se efetuem (...). (AUGÉ, 2001, p.76)

Assim, podemos dizer que tratamos, neste capítulo, dos conceitos que circunscrevem o tema e algumas questões teóricas que nos sustentam para a análise empreendida. Posteriormente, dividimos o capítulo em cinco partes principais, sendo a primeira: “do espaço da cidade ao ciberespaço”; a segunda: “rumo a uma inteligência coletiva”; a terceira: “do atual e do virtual”; a quarta: “do diário íntimo ao blog” e a quinta: “pontos de deriva em potencial”.

## Do espaço da cidade ao ciberespaço

Segundo Lemos (2001, p. 46), “vivemos hoje uma relação cada vez mais simbiótica entre o espaço da cidade e o novo espaço cibernético, o ciberespaço”. Nessa analogia, o autor compreende a navegação pela Internet como “o exercício de um ciber-flâneur e seu passeio pelo mar de dados”. Neste, não se pode prever que caminho o internauta vai tomar, uma vez que o interdiscurso (Pêcheux), ou a memória do dizer (Orlandi), é única para cada sujeito. Em face disso, a leitura/navegação/viagem pelos *links* escolhidos será, também, sempre singular. O autor ainda observa que, “da *flânerie* do poeta urbano à ciber-*flânerie* eletrônica do internauta não há, nesse sentido, muita distância” (p.46). Para o mesmo autor, “o ciberespaço é mapa dado para aqueles que seguem, objetiva, racional e eficazmente suas ruas, avenidas e becos, ou portais, *sites* e máquinas de busca no ciberespaço”. (p. 48).

Lemos (2001, p. 55) entende o ciberespaço como uma metacidade ou uma megacidade de *bits*, “um imenso hipertexto mundial interativo, onde cada um pode adicionar, retirar e modificar partes desse texto vivo, escrevendo sua pequena história junto a essa inteligência coletiva”. Inteligência coletiva é um conceito trabalhado por Pierre Lévy que nos interessa sobremaneira, no desenvolvimento desta nossa análise, uma vez que, a partir dele, começamos nossa leitura.

Na apresentação feita por Suely Rolnik do livro **Árvores do**

**conhecimento**<sup>4</sup> - de Lévy & Authier (2000), que apresenta o software Árvores do conhecimento - ela afirma que o projeto “viabiliza a desnaturalização das hierarquias de saberes vigentes e a constituição e um coletivo inteligente capaz de produzir uma democracia em tempo real” (Rolnik, 2000). A autora ainda classifica a proposta do programa como uma “utopia ao alcance das mãos” e acrescenta que,

Somos confrontados a novas formas de comunicar e conhecer, marcadas por uma nova igualdade, em que o igual é a diferença – singularidade móvel, real e complexa, feita de uma multiplicidade cambiante de aptidões. Novos modos de identificação e de subjetivação parecem insinuar-se na dinâmica desta inteligência coletiva<sup>5</sup>.

É interessante também, nessa dinâmica da inteligência coletiva, associar-nos ao conceito de utopia com base em Ianni (1997), para quem a utopia pode ser “a imaginação do futuro”, assim como a nostalgia pode ser a “imaginação do passado”. Segundo o autor, nos dois casos, o que estaria em jogo seria “o protesto diante do presente, ou estranhamento diante da realidade” (Ianni, 1997, p.58).

---

<sup>4</sup> Lévy, Pierre & Authier, Michel. **As árvores do conhecimento**. Coleção dirigida por Suely Rolnik. São Paulo: Escuta, 2000.

<sup>5</sup> Suely Rolnik na apresentação do livro (capa e contracapa).

## Rumo a uma inteligência coletiva

Segundo Lévy (2000, p.13), no ciberespaço "todas as mensagens se tornam interativas" e "cada pessoa pode se tornar uma emissora". A troca de mensagens deve ser entendida em sentido amplo, vale dizer, consideramos mensagens toda e qualquer forma de comunicação expressa em rede. Segundo Dias (2004, p. 40),

é a troca de mensagens que sustenta a relação entre sujeitos na rede, e que a alimenta. É essa troca que alimenta o seu funcionamento, o qual é determinado, numa primeira instância, pelas condições de produção, em sentido estrito, oferecidas pelo ciberespaço, ou seja, a troca de mensagens é mediada pelo domínio das funções técnicas do computador, dos recursos técnicos oferecidos pelo programa, e das normas de comunicação do suporte utilizado.

Para Lévy (2000, p.13-14), "o espaço cibernético introduz (...) um novo tipo de interação que poderíamos chamar **Todos e Todos**<sup>6</sup>, que é a emergência de uma inteligência coletiva". É importante esse conceito de Lévy para dar suporte à leitura que propomos, dentro da Internet, do ciberespaço de blog como espaço novo, quando questionamos o que leva essa ferramenta a se constituir pelo comentário. Cabe afirmar que, para nós, apoiados em Lévy (2000), as mudanças proporcionadas por esse novo suporte resignificam os conceitos de leitura e escrita:

---

<sup>6</sup> Grifo do autor.

(...) tanto a escrita como a leitura vão mudar o seu papel. O próprio leitor vai participar da mensagem na medida em que ele não vai estar ligado a um aspecto. O leitor passa a participar da própria redação do texto à medida que ele não está mais na posição passiva diante de um texto estático, uma vez que ele tem diante de si não uma mensagem estática, mas um potencial de mensagem. Dessa forma, o espaço cibernético introduz a idéia de que toda leitura é uma escrita em potencial. (2000, p.14-15).

Com esses argumentos, Lévy (2000) introduz o conceito de inteligência coletiva, que vai nortear seus trabalhos posteriores e, também, vai servir como um dos eixos principais em nosso estudo. Nas palavras do autor, trata-se de um esquema coletivo de subjetivação, pois:

O interessante nas possibilidades que se abrem com a emergência de uma nova inteligência a partir disto é que se trata de uma inteligência coletiva, ou seja, estamos na direção de uma potencialização da sensibilidade, da percepção, do pensamento, da imaginação, e tudo graças a essas novas formas de cooperação e coordenação em tempo real. Trata-se de equipamentos que podem ajudar o aprendizado e a aquisição de saberes. Então, o inimigo necessário de ser evitado é o isolamento, a separação.  
(...) estes equipamentos favorecem a emergência da autonomia, tanto de indivíduos quanto de grupos, em que o inimigo é a dependência. (p.16)

Nesse sentido, Lévy (2000)<sup>7</sup> sustenta que a humanidade desenvolveu quatro ideais ou tipos de relação com o saber, que aqui apresentamos resumidamente. O primeiro tipo antecede à escrita, época

---

<sup>7</sup> Lévy, Pierre. *A Internet e a crise do sentido*. **Ciberespaço**: um hipertexto com Pierre Lévy. Porto Alegre : Artes e Ofícios, 2000.

em que “o saber era ritual, místico e encarnado por uma comunidade viva”; o segundo tipo de relação com o saber já é ligado à escrita, é “o saber trazido pelo livro” (manuscrito); o terceiro veio com o advento da imprensa, “a biblioteca”; e atualmente, segundo o autor (p. 17-18), “estamos assistindo à desterritorialização da biblioteca. É como se estivéssemos voltando às origens, em que o portador do saber era a comunidade viva, claro que de uma forma muito mais ampliada e diferenciada (...)”.

Segundo essa leitura, o coletivo seria novamente o portador do conhecimento, considerando a informação como fluxo constante:

Então, o novo portador do saber no nosso novo horizonte seria a própria humanidade. Estamos falando não da humanidade no sentido genérico, mas de uma humanidade viva enquanto espaço cibernético. O espaço cibernético aqui é entendido como esse espaço virtual no qual a comunidade conhece a si mesma e conhece seu próprio mundo, porque são duas faces da mesma coisa. (Lévy, 2000, p. 18)

Lévy (2000, p. 19) observa ainda que, "hoje, com a emergência do espaço cibernético, podemos imaginar a emergência da imaginação e da inteligência das pessoas de uma outra forma, em que as pessoas não vão estar separadas entre si e ligadas todas em relação ao centro, mas onde serão multiplicadas as conexões transversais entre elas". Segundo o autor, esses são os meios de restauração de uma democracia direta e em grande escala.

## Do virtual e do atual

O conceito de ciberespaço foi introduzido por William Gibson no romance de ficção científica **Neuromancer**, em 1984 nos seguintes termos:

– O ciberespaço. Uma alucinação consensual vivida diariamente por bilhões de operadores autorizados, em todas as nações, por crianças aprendendo altos conceitos matemáticos... Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz abrangendo o não-espço da mente; nebulosas e constelações infindáveis de dados. Como marés de luzes de cidade... (p.68)<sup>8</sup>

Segundo Guimarães Jr. (1997)<sup>9</sup>, o termo veio batizar e dar novas características ao que se chamava até então de “esfera de dados”. No desenrolar de sua utilização, no entanto, acabou englobando outros conceitos, e dando origem a outras expressões como cibercultura, ciberpunk e ciberocracia. O ciberespaço designa, originalmente, o espaço criado pelas comunicações mediadas por computador (“CMC’s”). Desde então, teve seu uso cada vez mais intensificado e chega a ser tratado como sinônimo de Internet.

Lévy (1997, p. 107) define ciberespaço como *"l'espace de communication ouvert par l'interconnexion mondiale des ordinateurs et*

---

<sup>8</sup> Edição Brasileira: Gibson, William. **Neuromancer**. Aleph : São Paulo, 2003.

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html>>



*des mémoires informatiques*"<sup>10</sup>. Lévy (1999 e 1996), considerando o ciberespaço como a virtualização das comunicações, desenvolve o conceito de virtualização a partir dos conceitos de atual e virtual elaborados por Deleuze (1996).

É pertinente abordar os conceitos de virtual e de atual, por se tratarem de conceitos muito utilizados nas discussões sobre Internet, ciberespaço e novas tecnologias da inteligência. Nosso interesse pontual é caracterizar esses conceitos a partir de Deleuze (1996) e Pierre Lévy (1996) e desfazer a idéia de que o virtual se opõe ao real, como vem sendo amplamente considerado pela mídia em geral e pelo senso comum, quando se pensa o ciberespaço. E mais, em nossa leitura, relacionamos as noções de virtual e atual com um conceito operatório da análise de discurso, qual seja, o de interdiscurso (Pêcheux), ou memória do dizer (Orlandi), como veremos mais adiante.

Deleuze (1996) aborda, a partir de um ponto de vista filosófico, questões pertinentes ao estudo do que Lévy (1997), na área da comunicação de massa e Robin (2001), na sociologia e na literatura, tratam como ciberespaço.

Para Deleuze (1996, p. 49), não há objeto puramente atual. Segundo ele, "todo atual rodeia-se de uma névoa de imagens virtuais". Discursivamente, podemos entender o atual como uma interpretação e o virtual como todas as outras interpretações possíveis. Ou ainda,

---

<sup>10</sup> Tradução nossa: espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e de memórias informáticas.

podemos relacionar o atual e o virtual com os eixos da constituição e da formulação. Nesse sentido,

Todo atual rodeia-se de círculos sempre renovados de virtualidades, cada um deles emitindo um outro, e todos rodeando e reagindo sobre o atual. (p. 49)

Compreendemos esses "círculos sempre renovados de virtualidades" como sendo o espaço do interdiscurso, ou seja, os discursos que já foram constituídos e que estão ali, possíveis de serem ditos. Já o atual seria a formulação discursiva propriamente dita, uma atualização do discurso em questão.

De acordo com Deleuze (1996), existe movimento nos dois sentidos, tanto de atualização quanto de virtualização e, também, existe o caso em que o atual e o virtual aproximam-se de forma a não ser mais nem uma atualização nem uma virtualização, mas sim uma cristalização. No dizer do mesmo autor,

A relação do atual com o virtual constitui sempre um circuito, mas de duas maneiras: ora o atual remete a virtuais como a outras coisas em vastos circuitos, onde o virtual se atualiza, ora o atual remete ao virtual como a seu próprio virtual, nos menores circuitos onde o virtual cristaliza com o atual. (p. 55)

De uma perspectiva discursiva, não podemos deixar de interpretar (segundo Orlandi (1996) estamos sempre interpretando, atribuindo sentido) a noção trabalhada por Deleuze (1996) de cristalização entre

virtual e atual como, para nós, um paralelo filosófico (ou uma possibilidade de atualização nossa) das noções de paráfrase e de polissemia, no qual a paráfrase significa o repetível e a polissemia significa o novo. A cristalização entre atual e virtual representaria, então, os processos cristalizados pelos quais se dá a repetição, o mesmo; já a polissemia possibilitaria o novo, o diferente, o possível. Entendemos a cristalização como o processo parafrástico, que representa “o retorno aos mesmos espaços do dizer” (Orlandi, 1999, p. 36).

Os conceitos de atual e virtual são retomados por Pierre Lévy, que, a partir do conceito de oposição potência/ato oferecido pela tradição filosófica, buscou, em Deleuze (1988), a distinção elaborada entre possível e virtual para compor a noção de virtualização no contexto da cibercultura.

Para Lévy (1996, p. 15), a palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Conforme o autor, na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O autor esclarece ainda que, em termos filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: "virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes" (1996, p. 15).

Lévy (1996, p. 15-16) faz a distinção entre possível e virtual, apoiado em Deleuze (1988)<sup>11</sup>. Para o primeiro autor, o possível já está todo construído, mas permanece no limbo. O possível se realizará sem que nada mude em sua determinação, nem em sua natureza. É um real

---

<sup>11</sup> Deleuze, Gilles. **Diferença e Repetição**, 1988.

fantasmático, latente. O possível é exatamente como o real, só lhe falta a existência. É interessante observar que, para Lévy (1996, p. 16), “a realização de um possível não é uma criação, no sentido pleno do termo, pois a criação implica também a produção inovadora de uma idéia ou de uma forma”.

Por outro lado, para esse autor, o virtual é como o "complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização" (Lévy, 1996, p.16). Aparecendo a atualização, aparece como solução de um problema, como "uma solução que não estava contida previamente no enunciado. A atualização é criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades" (Lévy, 1996, p.16).

Nós nos apropriamos dos conceitos de atual e de virtual para, em nossa discursividade, relacioná-los com os eixos da constituição e da formulação do discurso. Conforme Orlandi (1999, p. 33), "todo dizer, na realidade, se encontra na confluência de dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). É desse jogo que tiram seus sentidos". Tratamos o eixo da memória como aquilo que está no virtual e que pode ser atualizado a qualquer momento, pela formulação.

Dessa forma, propomos nossa leitura, qual seja, o atual como aquilo que está posto, o dito, a formulação, o discurso; e o virtual, como o interdiscurso, a memória do dizer.

A virtualização, ainda sob a ótica de Lévy (1996), pode ser também um não estar presente, uma virtualização do corpo, do texto, etc. Segundo Lévy (1996, p. 17-18), “a virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma realidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado”. É nesse sentido que entendemos os procedimentos contemporâneos de conversas *on-line*, compras, visitas a museus, passeios virtuais, etc. Quando visitamos o museu do Louvre, por exemplo, não precisamos mais estar em Paris. É possível fazer uma visita diretamente de nossa casa, onde quer que ela se localize. Podemos apreciar as pinturas francesas, italianas, espanholas, alemãs, etc. Podemos até mesmo salvar essas pinturas em nosso computador e reproduzi-las, como fazemos aqui com as Figuras 01 e 02:



**Figura 01:** Pintura alemã  
Albrecht Dürer (1471-1528)  
Autoportrait, 1493



**Figura 02:** Pintura francesa  
Jean-Antoine Watteau (1684-1721)  
Pierrot, 1718

É interessante observar que, para Lévy (1996, p. 18), a virtualização é um dos principais vetores da criação de realidade. Segundo esse autor,

a atualização ia de um problema a uma solução. A virtualização passa de uma solução dada a um (outro) problema. Ela transforma a atualidade inicial em caso particular de uma problemática mais geral, sobre a qual passa a ser colocada a ênfase ontológica.

Por esse motivo nos interessamos pela discursividade dos blogs como fonte de estudo, como possibilidade de constituição de discurso e de sujeito nessa nova materialidade, já que eles passam a ser colocados com “ênfase ontológica” na megacidade de bits (Lemos, 2001) do sujeito contemporâneo, o cyborg de Robin (2000). A partir daí, nos perguntamos: qual seria, então, a relação do blog com o diário íntimo?

## Do diário íntimo ao blog

*Il faut que tu t'occupes de toi-même, il ne faut pas que tu t'oublies toi-même, il faut que tu prennes soin de toi-même. Et c'est à l'intérieur de cela qu'apparaît et se formule (si vous voulez : comme à la pointe même de ce souci) la règle "connais-toi toi-même". (Foucault 2000<sup>12</sup>.)*

Uma das grandes questões para os estudiosos do fenômeno das novas tecnologias e, mais de perto, para os das comunicações mediadas por computador ("CMC's") é a problematização das noções de íntimo e coletivo e de público e privado. Em nosso estudo sobre os blogs, essas questões aparecem e são tratadas de uma perspectiva discursiva.

Para a nomeação *diário íntimo*, tomada pela ótica da história, teríamos sua origem, segundo Carvalho (2001, p. 239), "no Oriente, com as mulheres da corte de Heian (794-1185), no Japão, já no século X, mantinham Pillow books (livros de travesseiros)"<sup>13</sup>.

Para Pachet (1990), em sua obra **Les baromètres de l'âme: naissance du journal intime**<sup>14</sup>, Maine de Biran e Benjamin Constant dão início ao gênero propriamente dito dos diários íntimos. Ainda, segundo o mesmo autor, existem vários outros tipos de diários, que se inscrevem em outro plano, sendo eles, "livre de raison, cahier de souvenirs ou album de

---

<sup>12</sup> Foucault (2000, p. 147). **Tradução nossa:** É preciso que tu te ocupes de ti mesmo, é preciso que tu não te esqueças de ti, é preciso que tu tenhas cuidado contigo. E é no interior disso que aparece e se formula (se tu preferes: como na ponta mesmo desse cuidado) a regra "conhece-te a ti mesmo".

<sup>13</sup> Tradução do Autor.

<sup>14</sup> Tradução nossa: Os barômetros da alma: nascimento do diário íntimo.

citations, enregistrement méthodique de progrès dans la voie de l'amélioration spirituelle, journal de voyage, etc."<sup>15</sup> (Pachet, 1990, p. 12).

Segundo Pachet (1990, p. 15), por exemplo, em Santo Agostinho a palavra íntimo aparece com o sentido de mais profundo, mais interior que o interior:

Dans les *Confessions*, rappelant l'époque de sa jeunesse où il subissait l'influence des manichéens, il s'adresse à Dieu, pour lui dire en substance: je te cherchais à l'extérieur de moi-même, *tu autem eras interior intimo meo*, mais toi tu étais plus intérieur à moi que ce que j'ai de plus intérieur (livre III, 11). L'intime fait ici sa première apparition, comme ce lieu étrange de l'individu, retiré et invisible, mais éclairé par une lumière très lointaine.<sup>16</sup>

Pachet (1990) também revela os precursores do diarismo. No dizer do autor, seriam Samuel Pepys, Giacomo Casanova, Santo Agostinho, Fénelon, Lavater, Rousseau, etc. Segundo o mesmo autor, Fénelon não teria tido um diário íntimo, mas, de certa forma, antecipou-o com seu pensamento e o tornou possível com sua escritura, visto que convergiu dois elementos inerentes aos diários: "l'idée que le moi est

---

<sup>15</sup> Tradução nossa: *Livre de raison*, caderno de lembranças ou álbum de citações, registro metódico de progresso na via do crescimento espiritual, diário de viagem.

<sup>16</sup> Tradução nossa: Nas Confissões, lembrando da época de sua juventude, em que ele cedeu à influência dos maniqueus, ele se dirigia a Deus, para lhe dizer em essência: eu te procurei no exterior de mim mesmo, *tu autem eras interior intimo meo*, mas tu eras mais interior a mim que isso que eu tenho de mais interior (livro III, 11). O íntimo faz aqui sua primeira aparição, como esse lugar estranho do indivíduo, retirado e invisível, mas clariado por uma luz muito branda.



essentiellement inconsistant et inconstant, et le souci d'inscrire le travail sur soi dans l'ordre des jours" (p. 16)<sup>17</sup>.

Já a obra de Lavater, outro precursor do diarismo, caracterizou-se por dois fatos principais. O primeiro, por ter sido publicada por decisão do próprio autor, em vida, e poucos anos depois de ter sido escrita (1773), o segundo e mais forte, por "brouiller la distinction privée/public sur laquelle repose le concept même de journal intime"<sup>18</sup> (Pachet, 1990, p. 26).

Pachet (1990) considera Maine de Biran o primeiro escritor conhecido a ter um diário íntimo, datando esse feito do final do século XVIII (p. 33-34).

Os diários íntimos eram, por definição, escritos para não serem lidos, para ficarem escondidos, servindo por vezes como mecanismo auxiliar da reflexão interior e de purificação ou aperfeiçoamento da moral.

Para Pachet (1990, p. 13), um diário íntimo pode ser definido como:

Un écrit dans lequel quelqu'un manifeste un souci quotidien de son âme, considère que le salut ou l'amélioration de son âme se fait au jour le jour, est soumis à la succession, à la répétition des jours, source de permanence et de variation. (p.13)<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup> Tradução nossa: A ideia de que o eu é essencialmente inconsistente e inconstante, e o cuidado de inscrever o trabalho sobre si na ordem dos dias.

<sup>18</sup> Tradução nossa: confundir a distinção privado/público sobre a qual repousa o conceito próprio/mesmo de diário íntimo.

<sup>19</sup> Tradução nossa: Uma escrita na qual alguém manifesta um cuidado cotidiano de sua alma, considera que a saúde ou a melhora de sua alma se faz dia a dia, submetida à sucessão, a repetição dos dias, fonte de permanência e de variação.

Se ampliarmos nossa busca de sentidos, lingüisticamente, por exemplo, como no caso de dicionários, temos a nomeação "Journal intime", em francês, que significa diário íntimo. O dicionário enciclopédico **Le Petit Larousse** registra, para o verbete entrada, "journal"<sup>20</sup> uma acepção de "journal intime"<sup>21</sup>, com a significação de "notation, plus ou moins régulière, de ses impressions ou réflexions personnelles"<sup>22</sup>.

Procurando, então, separadamente, pela nomeação que, junto com *journal*, constitui sentido para o que conhecemos como diário íntimo, temos a palavra *intime*, que, no dicionário enciclopédico **Le Petit Larousse**, apresenta quatro significados:

1.Litt. Intérieur et profond, qui constitue l'essence d'un être, d'une chose. *Connaître la nature intime de qqn.* 2. Qui existe au plus profond de nous. *Conviction, sentiment intime.* 3. Qui est uniquement privé, personnel ; Qui se passe entre amis. *Un journal intime.* 4. *Toilette intime, des organes génitaux.* - **adj.** et **n.** À Qui on est lié par des liens profonds.<sup>23</sup>

Já, na língua portuguesa, mais especificamente no **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, a origem etimológica da palavra seria o latim: *Intimus, a, um*, com o significado de *o mais afastado, o mais recôndito; o âmago, o mais secreto*. No mesmo dicionário, consta

---

<sup>20</sup> Tradução nossa: diário.

<sup>21</sup> Tradução nossa: diário íntimo.

<sup>22</sup> Tradução nossa: anotações, mais ou menos regulares, de impressões ou reflexões pessoais.

<sup>23</sup> Tradução nossa: 1.Interior e profundo, que constitui a essência de um ser, de uma coisa. *Conhecer a natureza íntima de alguém.* 2.Que existe no mais profundo de nós. *Convicção, sentimento íntimo.* 3. Que é unicamente privado, pessoal; Que se passa entre amigos. *Um diário íntimo.* 4. Higiene dos órgãos genitais. - **adj.** e **n.** A quem somos ligados por laços profundos.

também como data de entrada da palavra, no português, o ano de 1563, na obra **Imagem da Vida Christam** de Frei Hector Pinto. Por sua vez, Houaiss a define como:

**Íntimo** adj. (1563 Hpint I 31) 1 relativo a ou que constitui a essência, o cerne de algo <a razão í. Das coisas> <a natureza í. de um ser> 2 que tem origem ou existe no âmago de uma pessoa <convicção í.> <desejos í> 3 que diz respeito ao que se passa nos recônditos da mente, do espírito <problemas de foro í> 4 a quem se é estreitamente ligado por relações de afeição e amizade <amigo í.> 5 que tem o cunho de afeição profunda, de amizade sem reservas <são duas famílias de ligação í.> 6 que envolve contato ou ato sexual <nunca tiveram relações í.> 7 em que há estreita associação (diz-se das coisas) <a empresa tem í. ligação com o governo> <só gosta de poesia que é í. da realidade> 8 de que participam somente aqueles com que se tem estreita relação de amizade, ou familiaridade <jantar í.> <em situações í. é outra pessoa inteiramente> 9 que trata de assuntos extremamente pessoais e confidenciais; particular, privado <correspondência í.> <revelações í.> 10 que traduz cumplicidade, afeição e/ ou atração física <trocaram olhares í.> 11 cujo ambiente é propício a que se tenha privacidade, tranquilidade e aconchego <um restaurante bastante pequeno e í.> 12 que é profundo e minucioso <tem í. Conhecimento do Surrealismo> 13 relativo à região genital <partes í.> s.m. 14 pessoa que pertence à intimidade ou círculo de confiança de alguém; amigo íntimo <o almoço será só para os í.> 15 o que há de mais profundo e interior em alguma coisa; âmago 16 o fundo da alma, da mente <não sei o que lhe vai no í.>

Segundo as dezesseis acepções presentes no **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**, em nossa leitura, o termo íntimo estaria ligado ao significado “eu (profundo)” que o instaura como seu sentido fundador (Orlandi,1993).

**EU (PROFUNDO)**

- 1 relativo a/ou que constitui a essência, o cerne de algo <a razão í. Das coisas> <a natureza í. de um ser>
- 2 que tem origem ou existe no âmago de uma pessoa <convicção í.> <desejos í>
- 3 que diz respeito ao que se passa nos recônditos da mente, do espírito <problemas de foro í>
- 12 que é profundo e minucioso <tem í. Conhecimento do Surrealismo>
- 15 o que há de mais profundo e interior em alguma coisa; âmago
- 16 o fundo da alma, da mente <não sei o que lhe vai no í.>

Entendemos o sentido fundador como uma ruptura, como a instauração de uma nova ordem de sentidos. A partir dessa reflexão, o que caracteriza o “eu (profundo)” como fundador, segundo Orlandi (1993, p. 13),

é que ele cria uma nova tradição, ele re-significa o que veio antes e institui aí uma memória outra. (...)

O sentido anterior é desautorizado. Instala-se outra "tradição" de sentidos que produz os outros sentidos nesse lugar. Instala-se uma nova "filiação". Esse dizer irrompe no processo significativo de tal modo que pelo seu próprio surgir produz sua ‘memória’. (p.13)

Nesse sentido, as outras acepções que foram agrupadas criando uma rede de significações, formaram outras marcas fortemente relacionadas, quais sejam:

**AMIZADE**

- 4 a quem se é estreitamente ligado por relações de afeição e amizade <amigo í.>
- 5 que tem o cunho de afeição profunda, de amizade sem reservas <são duas famílias de ligação í.>
- 8 de que participam somente aqueles com que se tem estreita relação de amizade, ou familiaridade <jantar í.> <em situações í. É outra pessoa inteiramente>
- 14 pessoa que pertence à intimidade ou círculo de confiança de alguém; amigo íntimo <o almoço será só para os í.>

**SEXO**

- 6 que envolve contato ou ato sexual <nunca tiveram relações í.>
- 10 que traduz cumplicidade, afeição e/ ou atração física <trocaram olhares í.>
- 13 relativo à região genital <partes í.> s.m.

**PRIVADO**

9 que trata de assuntos extremamente pessoais e confidenciais; particular, privado <correspondência í.> <revelações í.>

11 cujo ambiente é propício a que se tenha privacidade, tranquilidade e aconchego <um restaurante bastante pequeno e í.>

**OUTRO**

7 em que há estreita associação (diz-se das coisas) <a empresa tem í. Ligação com o governo> <só gosta de poesia que é í. da realidade>

Entendemos que todas essas significações estão reguladas, enunciativamente e de certa forma, elas nos interessam para a construção de nossa hipótese. Esses quatro principais eixos temáticos sobre os quais “íntimo” se apóia, para fazer sentido, são os mesmos eixos de possibilidade de significação dos blogs? Se são, podemos falar de blog e de diário íntimo no mesmo plano discursivo?

Diferentemente do diarismo tradicional, o diarismo contemporâneo transcende a página de papel e assume novas formas, entre elas o caráter público que Carvalho (2001, p. 246) descreve:

O diarismo *online* contemporâneo ou como podemos chamar de o *novíssimo diário*, é escrito para que a larga audiência possibilitada pela Internet possa lê-lo. O caráter privado que acompanha a tradição do diarismo, especialmente de mulheres, desaparece, dando lugar ao diário *online* de caráter estritamente público.

A nomeação diário íntimo é utilizada, por vezes, no lugar de blog por manter com essa outra nomeação uma relação difícil de definir/discernir por parte dos internautas que, geralmente, não possuem conhecimento das especificidades de um e de outro. Mesmo os pesquisadores encontram dificuldade em argumentar sobre a distinção

entre os dois, até pelo fato de a mesma estar em construção e pela novidade do objeto. Nosso gesto de leitura teórica nos conduz a entender o discurso do/sobre diário íntimo como o discurso fundador do blog.

Os blogs, segundo Rocha (2003, p. 73),

se proliferam na Internet como ferramentas de uma narrativa híbrida (misto de diários, crônicas jornalísticas e correspondências), que representa, simultaneamente, a individualidade e a coletividade, dimensões presentes no imaginário da sociedade pós-moderna.

Os blogs foram popularizados, segundo Komesu (2004, p. 111), pela facilidade de sua criação e atualização, através de um software de acesso (inicialmente) gratuito.

É pertinente salientar que, a fim de que uma escrita pessoal, publicada na Internet, seja conhecida, popular entre os internautas - blogueiros principalmente - não basta que ela esteja online. É preciso que ela seja "descoberta" pelos "navegantes exploradores". Nesse sentido, Komesu (2004, p. 118) entende que "o emprego de dispositivos como os *links* na redação das páginas hipertextuais evidencia (...) um determinado modo de circulação dos escritos pessoais. Levando-se em consideração a almejada visibilidade, a exibição do nome (ou apelido) é uma marca registrada que circula no espaço da rede". Como resultado dessa circulação, temos uma teia, uma rede, na qual os blogs circulam, com seus limites estabelecidos nas linhas moventes das formações discursivas e ideológicas dos internautas no ciberespaço.

Como sabemos, já são 4,8 milhões<sup>24</sup> de blogs espalhados pelo mundo. No entender de Carvalho (2001, p. 246), "o desafio de quem publica uma home page pessoal na Internet é, cada vez mais, arrebatrar pessoas interessadas em conhecer o conteúdo do que é publicado". Os temas variam muito no tempo e no espaço, constituindo um movimento de sentidos que detalharemos em nosso gesto de leitura mais adiante.

Para a análise discursiva que estamos propondo, Carvalho (2001, p. 246-247) nos fornece um rápido panorama dessa variação:

No começo da história do diarismo *online* o conteúdo desses diários e jornais estava voltado especialmente para narrativas do eu, como as experiências pessoais de Justin Hall. Atualmente, o espectro de tipos de diários tem se expandido cada vez mais e incluem diários por temas. Além de *sites* tradicionais como os de Hall (...) há também na web diários e jornais que agregam pessoas que por algum motivo se identificam. O *link* do *Diarists.Net*, por exemplo, agrupa extensa lista de diaristas com características em comum, entre eles: *Mommies & Dadies*, homens e mulheres que têm filhos; *Artists*, de diaristas envolvidos com arte; *bookworms*, dos diaristas que gostam de ler (...).

Já Schittine (2004) nos oferece uma outra leitura. Segundo essa autora, "muitos diaristas virtuais optam por criar um blog mais jornalístico, com suas opiniões, críticas e pontos de vista, tentando se afastar ao máximo do terreno pessoal" (p.101). A autora ainda sustenta que

---

<sup>24</sup> Fonte: Folha de S. Paulo. Caderno de Informática. Quarta-feira, 8 dez. 2004.

Dentro da escrita íntima virtual, o que importa para afirmação de um público é mais o estilo que o diarista vai imprimir ao seu blog do que propriamente o quanto esse blog é capaz de informar do seu tempo ou de sua história. Isso porque a leitura é mais imediata do que posterior. Dessa maneira, é muitas vezes quando o autor fala da sua intimidade e de si mesmo que consegue se aproximar do leitor. E embora os blogueiros procurem dividir seus blogs em estilos diferentes - jornalístico, pessoal ou de serviços -, na maioria das vezes eles são uma mistura desses vários estilos. (p.25)

Ainda, para Schitine,

Como essa escrita é influenciada pela necessidade do diarista de conquistar um público, a maneira como esse escritor enxerga os interesses desse público é que vai determinar o gênero de blog que ele fará. O caminho mais natural é procurar tratar de assuntos de interesse geral com uma leitura própria. Por isso é comum que muitos blogueiros designem seus diários como jornalísticos, porque pensam que sua maneira de escrever se aproxima em muitos pontos à de um colunista ou cronista de jornal. (p.24)

A forma de nomear essa prática, ainda varia muito. Cada autor, dependendo da área ou da motivação, propõe uma nova nomeação. Carvalho (2001), por exemplo, utiliza o termo *web diário* e propõe a nomeação *novíssimo diário*; já Lemos (2002) sugere os ciberdiários, webdiários ou weblogs. Segundo ele: "são práticas contemporâneas de escrita online, onde usuários comuns escrevem sobre suas vidas privadas, sobre suas áreas de interesse pessoais ou sobre outros



aspectos da cultura contemporânea". Novas formas de dizer podem ser enunciadas diariamente, tais como *diários virtuais*, *netdiários*, etc.

Outro aspecto importante a ser ressaltado é que a escritura dos *blogs* é uma prática que mistura o ficcional com o verossímil, a construção e a representação de si. No ciberespaço, a privatização do espaço público e a publicização do espaço privado fazem com que o público e o privado se confundam como nunca, se fundam, ao ponto de termos um espaço novo de caráter, ao mesmo tempo, individual e coletivo.

Se tomarmos como parâmetro (temporal) o esquema de Pachet (1990, p. 124-125), que propõe, para a escritura dos diários íntimos, uma data de transição, 1887-1888, pois 1887 é a primeira publicação dos diários de Benjamin Constant e, em 1888, aparece a primeira edição do diário de Stendhal, seremos levados a considerar, em nosso estudo sobre os blogs, as mesmas relações que o autor estabelece. Segundo ele, depois da publicação dos diários íntimos "ni le secret de la vie privée, ni la vie publique elle-même ne seront tout à fait les mêmes"<sup>25</sup>. Para esse autor, essa data marca também um fim, "le journal intime cesse d'être aussi privé, aussi secret, aussi intime qu'il l'a été"<sup>26</sup>. (p.126).

Os pontos, mencionados pelo autor, problematizam a própria noção de diário íntimo e indicam a direção do sentido que a nomeação *blog* vem designando.

---

<sup>25</sup> Tradução nossa: nem o segredo da vida privada, nem a própria vida pública não serão mais os mesmos.

<sup>26</sup> Tradução nossa: o diário íntimo cessa de ser tão privado, tão secreto, tão íntimo como ele foi.

Os *blogs*, dentro do que tem sido tratado como ciberespaço (Levy, 1997, Robin, 2001), encontram-se disponíveis, para leitura em *sites* da Internet, com estrutura própria denominados *weblogs*.

A denominação *weblog* vem da composição do substantivo inglês *web* (conhecido por sua acepção de teia, rede, usada para definir a Internet) com o substantivo "log", usado, em informática, com a acepção de "registro das operações de processamento em computador"<sup>27</sup>. Esse tipo de dispositivo fornece um relatório técnico das ações executadas nos computadores e serve como registro delas. O substantivo *log* também é usado, em inglês, para designar os diários de bordo, os *logbooks*. Fazendo uso desses sentidos já dados, já postos, a denominação *weblog* vai designar os diários escritos na Internet. Essa nomeação, hoje, está significada em *blog*. Derivam daí os neologismos *blogueiro* e *blogado* em português; deriva também a personagem criada pelo cartunista Maurício de Souza, "pai" da Mônica: o *bloguinho*<sup>28</sup>.

Portanto, consideramos o blog como um espaço de escrita pessoal, de histórias pessoais, tradicionalmente, com uma escrita a partir do posicionamento sobre fatos e acontecimentos do mundo que nos rodeia. A relação possível entre o cotidiano de histórias pessoais, na atual conjuntura brasileira midiática de Big Brothers, não pode deixar de ser relacionada a um certo exibicionismo da vida privada. Expressar sentimentos online, através dos blogs, pode apresentar o mesmo caráter

---

<sup>27</sup> DIC Michaelis Eletrônico.

<sup>28</sup> Bloguinho é um garoto aficionado da Internet, com seu vocabulário composto por caracteres cifrados e palavras abreviadas, típico usuário da grande rede, que é apresentado ao público na edição número 221 da revista do Cebolinha.

que em salas de bate-papo<sup>29</sup>, se pensarmos pelo viés do *relacionar-se com o outro* (Dias, 2004, p. 58).

Para nós, um blog é uma escrita pessoal que se dá por meio da manifestação de opiniões, gostos e determinada exposição da esfera privada. Não são todos os blogs que apresentam uma escrita íntima, ou seja, um blog não corresponde a um diário íntimo escrito na Internet, embora seja essa a definição mais popularizada. Quem escreve e mantém um blog o faz estimulado pela possibilidade de audiência. Por isso colocamos o comentário como sendo a visibilidade da própria audiência, que se apresenta para nós como parte do que constitui o blog.

Para Schittine (2004, p. 31), "ao entrar na rede, o diarista passa a ter um ou mais interlocutores. Por mais que antes da Internet existisse um enorme desejo do diarista de ser lido, o que se observava era que ele se dirigia, a princípio, apenas a si mesmo". Com o advento da Internet e com o surgimento dos blogs, veio a possibilidade da audiência desejada. Para nós, a existência de interlocutores coloca em cheque o caráter da escrita nesse novo suporte.

Todavia, nossa pretensão não é construir uma teoria para explicar esse fenômeno, mas sim apresentar uma leitura possível sobre o tema, contrapondo-a e/ou apoiando-a nas já existentes. Por isso fomos buscar, também, através de uma leitura discursiva, o referencial teórico sobre o qual nos apoiamos para fazer tal leitura, já que ela oferece campos vastíssimos para análise. A partir dessa perspectiva, ater-nos-emos ao

---

<sup>29</sup> Ver a Tese de Doutorado de Cristiane Pereira Dias. **A discursividade da rede (de sentimentos): a sala de bate-papo hiv**. Campinas : Unicamp, 2004.

que constitui, em nosso entender, a escrita do blog; ao que a diferença da do diário íntimo, ou seja, o lugar dos comentários, como espaço de uma diferença possível.

Defendemos, então, em nossa hipótese, que o grande diferencial do blog em relação ao diário íntimo é, exatamente, o acontecimento discursivo do comentário e, ainda, que o comentário é a regularidade do blog e a marca da diferença em relação ao diário íntimo. É o espaço no qual fica assegurado que o que é escrito, ali, é lido. Regularidade essa que se opõe ao atributo mais intrínseco do diário íntimo, ou seja, o íntimo, o recôndito, o pessoal, o privado, em tese, tudo o que não deve ser lido.

A possibilidade de ocorrer o comentário, por si só, não significa que o texto seja escrito para ser lido; no entanto, é preciso que exista o comentário para que a escrita bloguística se constitua.

É necessário lembrar que o computador não proporcionou ao autor a novidade de escrever e publicar seus escritos sem se identificar, pois isso já acontecia sob variadas formas, como aquela em que se recorria ao uso de pseudônimos. Contudo, o computador ajudou o sujeito a colocar suas idéias online, em linha, no ar, ao acesso do mundo e a navegar nesse imenso hipertexto para escrever a sua própria história em uma inteligência coletiva (Lévy, 2003).

Em decorrência dessas reflexões, algumas questões são importantes de serem postas: Como funciona a escrita do blog? É possível afirmar que existe um autor e um leitor? Como um pode interferir na escrita do outro? Se os dois escrevem, quem é o autor? O que faz, na

escrita do autor, com que o leitor volte a visitar aquele blog? Como tornar um blog conhecido, ou como dar visibilidade ao blog? Como chamar a atenção de alguém para a leitura de um blog? Como o comentário influencia na escrita dos posts? Enfim, de que maneira o comentário pode constituir a escrita bloguística?

## Pontos de deriva em potencial

*On écrit pour se chercher, se trouver, se comprendre, se mettre en scène et se raconter.* (Robin, 1997.<sup>30</sup>)

A discursividade dos blogs como objeto de estudo neste trabalho, na verdade, visa explicitar os processos de constituição do discurso do internauta e suas relações de produção de sentido. Seleccionamos como arquivo, dez blogs publicados na Internet.

Como já salientamos, nos interessa saber como o sujeito desses blog constitui sentido e é constituído por eles, dentro do que *pode e deve ser dito* (Pêcheux, 1995), nessa situação da escrita pessoal. Uma de nossas perguntas de pesquisa, norteadoras do nosso trabalho, questiona como esse objeto realiza a discursividade que o constitui, como ele produz sentidos historicamente.

Em nosso estudo, problematizamos a relação discurso e sociedade sob o ponto de vista das práticas discursivas, sendo estas analisadas em um novo espaço social e urbano, o ciberespaço. Procuramos compreender como os blogs funcionam em sua discursividade; como eles produzem sentido lingüística, histórica e ideologicamente, para procurar entender a formulação do discurso nesse novo espaço através dessa prática. Para tanto, nos propomos não só compreender a discursividade

---

<sup>30</sup> Robin (1997, p.272). Tradução nossa: Nós escrevemos para nos procurarmos, nos encontrarmos, nos colocarmos em cena e nos contarmos.

dos blogs e explicitar o seu funcionamento, mas também a entender os mecanismos de produção de sentido, no produzir discurso, para produzir identificações. Robin (1997, p. 273) questiona, ainda, se *les expériences identitaires, sur le Net, sont-elles de l'ordre du "clonage", du double, d'un mélange des deux ?*<sup>31</sup> Se estamos entrando em um mundo sem fronteiras, em um universo onde o que conta é a permanência (ROBIN, 2000), o que permanece, o sujeito, o discurso? Quais são as condições de produção que podem nos ajudar a entender melhor essa "permanência"?

Precisamos entender, então, os processos e as condições de produção dos blogs e, para tanto, precisamos explicitar as regularidades e as diferenças presentes nas formulações desse discurso.

Nossa pesquisa se encontra inserida teoricamente no campo analítico da Análise de Discurso; portanto, nossa metodologia de trabalho é definida pelos princípios propostos em tal campo. É necessário esclarecer de que ponto estamos tratando esse objeto e quais aspectos serão privilegiados. Nesse sentido, para nossa leitura, é importante entendermos a noção de discurso e de práticas discursivas, que servem de sustentação para a leitura de nosso objeto de pesquisa.

Nossa primeira leitura baseia-se em Maingueneau (2000), para quem o discurso "designa um certo modo de apreensão da linguagem, e é considerado como uma atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados". Já para Orlandi (2001), o discurso é a língua no mundo,

---

<sup>31</sup> Tradução nossa: as experiências identitárias, sobre a net, são elas da ordem da clonagem, do duplo, de uma mistura dos dois?

falada pelos homens (enquanto sujeitos ou enquanto membros de uma sociedade), e em plena produção de sentidos. Para ela, em uma análise de discurso, pode-se conceber:

(...) a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. (2001, p. 15)

Pêcheux (1997) define discurso, como *efeito de sentidos entre locutores*. Nessa perspectiva, entendemos que a tessitura, na constituição do discurso dos blogs, é permeada de textos outros que não estão necessariamente expostos, mas que definitivamente fazem parte dele. Orlandi (1999) define a presença desses textos como:

(...) conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o "anonimato", possa fazer sentido em "minhas" palavras. (p. 33-34)

De acordo com Orlandi (1996), "compreender o discurso não é tarefa operatória de cálculo, mas de explicitação do funcionamento" (p.31). Por conseqüência, a constituição das identidades discursivas se dá pelos



modos de representação dos sujeitos nas práticas discursivas através das práticas simbólicas (Orlandi,1994).

Sem esquecer que as práticas discursivas, segundo Foucault (1997),

(...) não são pura e simplesmente modos de fabricação de discursos. Ganham corpo em conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em tipos de transmissão e difusão, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm. (p. 12)

É pertinente salientar que, no corpo da fabricação de discurso, o sujeito se constitui pela formação discursiva que o determina. Para Orlandi (2001, p. 43), "a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada - ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito".

Para nós, interessa saber como o dizer é lingüisticamente posto e qual a relação da produção de sentido, no produzir discurso, para produzir identificações. Como a produção de discurso, no ciberespaço (um espaço social), faz sentido e quais são as regularidades. E, ainda, no caso dos blogs, como tudo isso se constitui.

Nesse gesto de ousar adentrar o mundo virtual, entendemos necessário também esclarecer não só quem é o sujeito desses blogs, mas também quem é o sujeito que lê esse tipo de ferramenta. Do ponto de vista da análise do discurso, segundo Orlandi (2001, p.49), "o sujeito discursivo é pensado como *posição* entre outras. Não é uma forma de

subjetividade, mas um *lugar* que ocupa para ser sujeito do que diz". Em face disso, o sujeito do discurso focado tem sua posição marcada; posição de quem tem/escreve/mantém um blog ou de quem lê/comenta, uma vez que os sentidos estão sempre em movimento.

Outro ponto a notar é que o sujeito, ao propor uma escrita pessoal, constitui-se (Orlandi, 1996) e, ao constituir-se, funda o discurso de uma sociedade culturalmente instituída, apontando para a inter-relação entre sujeito, história e discurso (Scherer, 2003).

Segundo Scherer (2001), a representação e o imaginário das identificações não estão na língua (na matéria em si), mas sim naquilo que é constitutivo da matéria do discurso (memória discursiva). Toda língua é afetada por uma divisão que se sustenta pela existência de um impossível, inscrito na própria ordem da língua (Pêcheux, 2004)

Retomando a reflexão, é preciso entender a formulação desse discurso através de sua prática. A formulação, para nós, é determinada pela constituição, pois, como nos ensina Orlandi (2001),

(...) só podemos dizer (formular) se nos colocarmos na perspectiva do dizível (interdiscurso, memória). Todo dizer, na realidade, se encontra na confluência dos dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos. (p. 33)

Ainda, de acordo com Orlandi (2001), o funcionamento da linguagem põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela

história; portanto, é por uma análise lingüístico-discursiva que podemos estudar, mais atentamente, esses acontecimentos. Assim, nos propomos:

(...) construir escutas que permitam levar em conta esses efeitos e explicitar a relação com esse "saber" que não se aprende, não se ensina mas que produz seus efeitos. Essa nova prática de leitura, que é a discursiva, consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária. (Orlandi, 2001, p. 34)

Vale a pena ressaltar que a relação do dizer com sua exterioridade e suas condições de produção ajudam a compreender os sentidos produzidos pelo dito, nessa nova materialidade. Segundo Orlandi (2001), pelas condições de produção, compreendemos fundamentalmente o sujeito, a situação e, também, a memória discursiva (interdiscurso).

Do ponto de vista de Orlandi (2003)<sup>32</sup>, a memória tem uma materialidade, há uma determinação da memória - interdiscurso - sobre o intradiscurso. Segundo a autora, é aí que podemos observar a sua materialidade. Para ela, a memória pode ser apreendida de duas formas: a) pelo interdiscurso – sendo estruturada pelo esquecimento e b) pelo arquivo (institucional) – que não esquecemos, é a memória documental. Já a materialidade pode ser apreendida através da língua e da ideologia.

O primeiro procedimento do analista, portanto, é perceber as paráfrases e, aí, entender a ideologia, as formações discursivas

---

<sup>32</sup> Orlandi, Eni. **Tópicos de Análise do Discurso**. Anotações de aula. Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp. Segundo semestre de 2003.

(diferentes), as relações de poder simbolizadas (Orlandi, 2003)<sup>33</sup>. Destaca a autora que a paráfrase é o mesmo – não é como na lingüística/literatura, é um conceito resignificado, e a metáfora é o diferente (conceito distinto do utilizado na literatura – de imagem), ambos resignificados pela AD. O sentido utilizado pela AD estaria mais próximo do de Lacan (uma palavra por outra), a possibilidade da substituição de uma coisa por outra. No caso de nossa análise, seria a permuta de Arquivo por Espetáculos Passados com referência aos blogs.

Outro ponto a notar é que existem as famílias parafrásticas. Nelas, o dizer está sempre entre a repetição e o deslocamento, entre a paráfrase e a polissemia. Propomos, então, a leitura via construção de paráfrases, uma vez que “produzir uma paráfrase é um procedimento heurístico, é um procedimento de análise” (2003)<sup>34</sup>. Disso decorre que a materialidade discursiva estaria nos levando a um processo no qual o lingüístico e o histórico estariam ali funcionando através do efeito-leitor. No entanto, quem é esse leitor? Quem é o sujeito autor?

É possível afirmar que a noção de sujeito é um conceito posto em relação ao discurso, é a unidade teórica de trabalho. Já a noção de autor é um conceito constituído em relação ao texto, é a unidade de análise, unidade de sentido em relação à situação. Sustenta Orlandi (2001A) que a relação do texto com sua exterioridade faz dele um discurso. Ela nos ensina que o sujeito está para o discurso, assim como o autor está para o texto.

---

<sup>33</sup> Idem nota 32.

<sup>34</sup> Idem nota 32.

Lembra Orlandi, ainda, (1996, 2001A) que existe autoria quando existe autor, quando se abre uma discursividade. Toda vez que se constitui uma unidade de significação, o sujeito se imagina na origem; por isso, todo mundo, na prática cotidiana do que faz, é autor do que diz. Para Orlandi (2001A), não tem texto terminado, o autor põe um ponto final e diz/acredita que, ali, o texto termina – a relação do autor é com o texto e não com o discurso. Já a função da autoria é onde se realiza a ilusão da origem do dizer. Em nossa análise, questionamos: o lugar da autoria nesse tipo de ferramenta. E ainda, se ela estaria na formulação, na variação; quantas versões do mesmo e do diferente texto poderíamos encontrar em nosso gesto de leitura; quais são as regularidades que constituem uma ferramenta como o blog e, também, quais as diferenças entre este e o diário íntimo.

Orlandi (2001A) nos auxilia a entender a problemática das versões, das formulações e da variação, que vêm, segundo ela, pela memória documental, de arquivo. Não passamos direto da memória para o discurso – “existem montes de dizeres possíveis e imagináveis”<sup>35</sup> - não passamos diretamente do discurso para o texto. No texto, há vestígios de outras possibilidades do discurso. Entende a autora que o texto já é a formulação. A formulação se faz com falhas, por isso existem as versões e, também, o equívoco.

Já a relação com o equívoco afeta toda a língua e se manifesta sob diferentes formas. Do ponto de vista de Ferreira (2000, p. 108), “o modo

---

<sup>35</sup> Idem nota 32.

de materializar-se pode ser pelo viés da falta, do excesso, do repetido, do absurdo, do *nonsense*, e por aí se estendem as possibilidades. O que há de comum em todas elas é a ruptura do fio discursivo e o impacto efetivo na condição de fazer e desfazer sentidos”.

Orlandi (2001) avança nos estudos discursivos nos propondo o conceito de variação como a materialização de uma interpretação, formulações diversas, pontos de deriva (Pêcheux, 1997), pontos em que o discurso pode se tornar outro, passível de interpretação.

Considerando que o sujeito está para o discurso, assim como o autor está para o texto, é necessário entender a noção de autoria neste trabalho, para chegarmos ao que Orlandi (2001) define como variação, como materialização de uma interpretação. Vale lembrar que, para Orlandi (2001), a noção de autor estaria relacionada à de autoria e existiriam versões, formulações de um mesmo mas já diferente texto. A partir dessa reflexão, cabe questionar: como se constitui, então, o discurso do blog pela textualização do comentário? seria a variação que o determinaria como blog e não como diário íntimo?

Sabemos, também, que discurso não é uma matéria palpável, mas sim uma textualização, uma formulação (Orlandi, 2003)<sup>36</sup>. Também, não é possível passar do texto para o discurso diretamente. Para a autora, é a teorização que vai permitir essa passagem. O efeito material da leitura é o seu gesto, um ato em nível simbólico, porque a interpretação é um gesto de fazer sentido (Inteligível – interpretável – compreensível) (Orlandi,

---

<sup>36</sup> Idem nota 32.

2003)<sup>37</sup>. Para nós, essa leitura implica uma inclinação do olhar na perspectiva barthiana, um gesto simbólico na perspectiva orlandiana. O autor segura o leitor na textualidade, numa direção de sentido, que tem a ver com o social, com a língua, com o histórico. No segundo capítulo desse trabalho, como veremos mais adiante, fica destacado que o simbólico no discurso é a língua, língua como sistema simbólico. Inclusive, Orlandi (2004, p. 130) assegura que

não somos apenas animais em interação, somos sujeitos vivendo espaços históricos sociais, e é essa a grande questão. Se nós fôssemos apenas animais em interação, todas essas relações tanto da máquina como da interatividade seriam suficientes, e não o são, porque a interatividade só é significativa na medida em que nós somos sujeitos dentro de uma história e da sociedade. Somos seres simbólicos e históricos; nos significamos ideologicamente. (p. 130)

Cabe dizer que pensar as novas tecnologias da linguagem, segundo Orlandi (2004, p. 131), é pensar novas tecnologias da escrita. Conforme a autora, a escrita é uma forma de relação social. Ainda, de acordo com ela, “continuamos, nessas nossas relações com a máquina, vinculados à história e à sociedade” (p. 131). Nesse sentido, Orlandi (2004) questiona as modificações do funcionamento de alguns conceitos, tais como: a forma do texto, a forma da autoria, o modo de significar e, também, questiona a própria relação com o conhecimento na forma como

---

<sup>37</sup> Idem nota 32.

o praticamos em sua relação com as tecnologias da linguagem. É pertinente lembrar que:

toda vez que o homem fala em democracia, em distribuição social do conhecimento, na nossa história, toda vez que o homem colocou algum bem social à disposição de todos, ele criou, ao mesmo tempo, uma diferença em outro lugar. (...) Trata-se de um processo histórico e precisamos ver, examinar como é que ele se dá, para compreendê-lo. Não para evitá-lo (é impossível: faz parte da nossa história), mas tampouco devemos embarcar sem restrições, sem uma reflexão crítica a seu respeito. Simplesmente vamos procurar analisar a dimensão que isso tem. (Orlandi, 2004, p. 131)

Desse ponto de vista, é possível reconhecer que algumas questões ficam em aberto, ou seja, quais os pontos de deriva nos blogs selecionados que podem constituir o sujeito blogueiro e o seu blog? quais são as metáforas desses blogs e como elas significam, se o dizer está sempre entre a repetição e o deslocamento, entre a paráfrase e a polissemia? qual a matéria da língua e qual a matéria do discurso para a constituição de um blog?

Desenvolvendo uma reflexão via Pêcheux (1997, p. 160) é possível afirmar que a ideologia fornece as evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado queiram dizer o que realmente dizem, ou melhor, aquilo que mascaram sob a transparência da linguagem, aquilo que o autor chama de “o caráter material do sentido” das palavras e dos enunciados.



Pela tese de Pêcheux (1997),

As palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas (...) nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada (...) determina o que pode e deve ser dito. (p. 160)

Resta lembrar que uma análise discursiva deve levar em conta que todo o trabalho sobre o discurso é um trabalho também sobre a língua. Língua construindo histórias, determinando o social e o discursivo. Retomando Pêcheux, é importante levarmos em conta que

O trabalho do gramático e do lingüista consiste em construir a rede desse real, de maneira que essa rede faça Um, não como efeito de decisões que viriam arbitrariamente rasgar essa unidade em um fluxo, mas por um reconhecimento desse Um enquanto real, ou seja, como causa de si e da sua própria ordem. Fazer lingüística é supor que o real da língua é representável, que ele guarda em si o repetível, e que esse repetível forma uma rede que autoriza a construção de regras. (Pêcheux, 2004, p. 53, nota 5).